

Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2

Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)



Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2

Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C749 Conhecimento e diversidade em psicologia [recurso eletrônico] :
abordagens teóricas e empíricas 2 / Organizador Tallys Newton
Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86002-16-4

DOI 10.22533/at.ed.164200603

1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. I. Matos, Tallys Newton
Fernandes de.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Atualmente, presenciamos constantes mudanças e transformações nos padrões de vida e valores sociais que configuram as diferentes culturas através de desdobramentos na dinâmica do cotidiano. Este cenário, em quase todo o mundo, para alguns historiadores, é caracterizado pelos avanços tecnológicos dos séculos XX e XXI, período descrito como “Era da Informação”. Nessa situação, encontramos diferentes fenômenos e uma diversidade de objetos de estudo para a psicologia. Falamos então de “psicologias” onde o principal do objeto de estudo é o homem, como ser datado, determinado pelas condições históricas e sociais que o cercam. Ou seja, a matéria-prima é o ser humano em todas as suas expressões, as visíveis (comportamento) e as invisíveis (sentimentos), as singulares e as genéricas.

Neste sentido, a coleção “Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica que aborda áreas do conhecimento, como: trabalho, educação, saúde, desenvolvimento humano e sociedade. Tais artefatos se configura de forma interdisciplinar através de estudos teóricos e revisões de literatura. Com isso, objetivo central desta obra é apresentar um recorte da diversidade e construção histórica de forma categorizada e clara de estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país.

A obra “Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2” apresenta construções teóricas fundamentadas em padrões científicos e empíricos através da comunidade acadêmica, com propósito de reconfigurar saberes e práticas que possibilitem avaliação, intervenção, políticas, projetos e programas de atuação, na busca pela conscientização e desenvolvimento individual e coletivo. Tais obras, apresentadas nesta coleção, são fruto de avaliações e exposições de dados em encontros e eventos científicos, selecionados para apresentação através de uma equipe avaliativa que identifica o impacto da obra no meio, e assimilação com diferentes eixos temáticos. Temas diversificados e relevante são tratados aqui como proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos.

Sabemos o quão importante é a divulgação da produção científica. Para tanto, foi evidenciado o impacto da Atena Editora, e sua capacidade de oferecer uma plataforma consolidada e confiável, para que estes pesquisadores explorem e divulguem seus resultados.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O TRABALHO COMO FUNDAMENTO DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO	
Tatiéle Cristina Tomba	
Matheus Viana Braz	
Marcos Mariani Casadore	
DOI 10.22533/at.ed.1642006031	
CAPÍTULO 2	6
UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NO TRABALHO: NO QUE A FILOSOFIA DA DIFERENÇA PODERIA CONTRIBUIR?	
Maria Letícia de Oliveira Bianchini	
Guilherme Gonzaga Duarte Providello	
DOI 10.22533/at.ed.1642006032	
CAPÍTULO 3	10
A POLÍTICA NACIONAL DE HUMANIZAÇÃO NO COTIDIANO DE TRABALHO EM UM SETOR DE EMERGÊNCIA PSIQUIÁTRICA	
Priscila Ferreira de Oliveira	
Sylvia Mara Pires de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.1642006033	
CAPÍTULO 4	24
O ASSÉDIO MORAL CONTRA A MULHER NO TRABALHO NAS ORGANIZAÇÕES	
Juliana de Souza Bonardi	
Marcia Cristina Pigato	
DOI 10.22533/at.ed.1642006034	
CAPÍTULO 5	30
O MODELO GESTIONÁRIO DA APOSENTADORIA	
Priscila Rhanny Bulla	
Guilherme Elias da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1642006035	
CAPÍTULO 6	36
A INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM SITUAÇÕES DE INDISCIPLINA ESCOLAR	
Anicelia Santos Silva Delmonds	
DOI 10.22533/at.ed.1642006036	
CAPÍTULO 7	38
TRANSTORNOS MENTAIS EM ÂMBITO ESCOLAR	
Alexandre Batista Pinho Dantas	
Elza de Souza e Silva	
Edimilson de Oliveira Lavra Junior	
Áquila Valente Appolinario	
DOI 10.22533/at.ed.1642006037	

CAPÍTULO 8	55
POR UMA EDUCAÇÃO QUE NÃO SEJA NADA ESPECIAL	
Adriano Rodrigues Mansanera	
DOI 10.22533/at.ed.1642006038	
CAPÍTULO 9	65
A PINTURA RESSIGNIFICANDO O PATOLÓGICO PARA MERLEAU-PONTY	
Adriano Rodrigues Mansanera	
DOI 10.22533/at.ed.1642006039	
CAPÍTULO 10	72
OS EFEITOS DA PSICOTERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NAS DISFUNÇÕES SEXUAIS FEMININAS	
Mychelle Maria Santos de Oliveira	
Alice Francisca da Conceição Araújo	
Ana Maria da Cruz Sousa Oliveira	
Ana Paula Pereira Cardoso	
Andressa Regina Paulino Costa	
Anna Clara Lima Costa	
Dalila Sipaúba Rodrigues Moura	
Natallice de Sousa Silva	
Pedro Wilson Ramos da Conceição	
DOI 10.22533/at.ed.16420060310	
CAPÍTULO 11	82
DESATANDO OS “NÓS” DO TEMPO: PERSPECTIVAS E ESTUDOS EM PSICOLOGIA DO ENVELHECIMENTO	
Mariele Rodrigues Correa	
Camila Cuencas Funari Mendes e Silva	
Joselene Cristina Gerolamo	
Aline Sabbadini	
DOI 10.22533/at.ed.16420060311	
CAPÍTULO 12	95
UM OLHAR DA PSICOLOGIA SOBRE O ENVELHECIMENTO NA ATUAÇÃO JUNTO A IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	
Aline Sabbadini	
Mariele Rodrigues Correa	
DOI 10.22533/at.ed.16420060312	
CAPÍTULO 13	101
APONTAMENTOS SOBRE AS TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM OS NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO	
Tatiéle Cristina Tomba	
Marcos Mariani Casadore	
Matheus Viana Braz	
DOI 10.22533/at.ed.16420060313	

CAPÍTULO 14 106

A ATUAÇÃO INTERDISCIPLINAR COMO SUPORTE EMOCIONAL A UM PACIENTE JOVEM HOSPITALIZADO PARA REABILITAÇÃO MULTIPROFISSIONAL

Carolina de Sousa Rotta
Clesmânia Silva Pereira
Eli Fernanda Brandão Lopes
Fernanda Maria Souza Juliano
Irma Macário
Izabela Rodrigues de Menezes
Joelson Henrique Martins de Oliveira
Juliana Galete
Lariane Marques Pereira
Leticia Szulczewski Antunes da Silva
Michael Wilian da Costa Cabanha
Silvana Fontoura Dorneles

DOI 10.22533/at.ed.16420060314

CAPÍTULO 15 113

O USO E ABUSO DE DROGAS NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E A DISCUSSÃO EMERGENTE ENVOLVENDO A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIOSIDADE

Aline Maria Figueiredo Ko da Cunha
Lívia Figueiredo Pereira
Grazielle Neves Soares
Marconi Moura Fernandes
Luís Paulo Souza e Souza

DOI 10.22533/at.ed.16420060315

SOBRE O ORGANIZADOR..... 124

ÍNDICE REMISSIVO 125

A PINTURA RESSIGNIFICANDO O PATOLÓGICO PARA MERLEAU-PONTY

Data de aceite: 20/02/2020

Adriano Rodrigues Mansanera

Psicólogo e Professor da UFPR do Curso de Computação e Exatas – Campus Jandaia do Sul – Mestre em Educação – UEM e doutor em filosofia pela UFSC e-mail: mansanera@gmail.com - adrianomansanera@ufpr.br. Parte desse trabalho foi apresentado no Congresso Internacional de Psicologia UEM – 2018

INTRODUÇÃO

A “loucura” não pode ser algo que acontece apenas dentro de nossa cabeça sem qualquer relação com o mundo concreto. E a filosofia de Merleau-Ponty, explorando a expressão do mundo concreto, afirma que nossa presença no mundo é anterior àquilo que “sabemos” sobre o mundo. Ou seja, o aspecto relacional da existência humana acontece primeiro para o desenvolvimento do saudável ou do patológico na “loucura”.

Mister se faz que o pensamento de ciência – pensamento de sobrevôo, pensamento de objeto em geral – torne a colocar-se num ‘há’ prévio, no lugar, no solo do mundo sensível e do mundo lavrado tais como são em nossa vida, para nosso corpo, não esse corpo possível do que é lícito sustentar que é uma máquina

de informação, mas sim esse corpo atual que digo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos. (MERLEAU-PONTY, 1975, p.276).

No que tange à obra de arte, nesse caso a pintura, entendemos como Merleau-Ponty que a arte alcança uma expressão do homem concreto. O quadro se coloca a significar não por ideias já formadas e adquiridas, mas pelo processo de construção temporal e espacial do mundo concreto. Esse momento, no dizer do autor, é aquele em que “[...] um interior se revela no exterior, uma significação que irrompe no mundo e aí se põe a existir.” (MERLEAU-PONTY, 369, 1971).

Mais do que retomar uma significação conceitual, mas ou do que criar e expressar uma significação existencial para ele próprio, Cézanne desperta as experiências por cujo meio estas últimas serão “enraizadas” em nossa vida (SNS, 28). É isso que define, em última instância, a expressividade de suas obras (MÜLLER, 2001, p. 235).

Esta reflexão, objetiva refletir a possibilidade expressiva de ressignificar o patológico na “loucura”. Merleau-Ponty propõe uma nova ontologia através da pintura, na qual

o mundo não está somente acessível por meio da representação dos fenômenos. Trata-se de reaprender a ver o mundo mediante o olhar da experiência perceptiva, enquanto acesso ao ser.

Tal como encontramos hoje em dia a medicalização, a patologização da “loucura” teve início com a psiquiatria clássica século 18, que considerava os sintomas como sendo um distúrbio orgânico. No século XX, os conceitos de ser normal e patológico começaram a ser estudados pela psicanálise, antropologia e filosofia, aceitando a influência cultural e social para a definição do patológico, o que levou a psiquiatria clássica a ser questionada. O mesmo aconteceu com a teoria de Merleau-Ponty quanto propõe uma nova ontologia questionando a filosofia tradicional cartesiana. “Nunca, como hoje, a ciência, foi sensível às modas intelectuais, quando um modelo foi bem sucedido numa ordem de problemas, ela o experimenta em toda parte” (MERLEAU-PONTY, 1975, p.275).

Uma atenção especial era dada à patologia corporal. A doença não só permitia vislumbrar com maior nitidez a saúde como a possibilidade de criar ou inventar novas normas vitais, o corpo ampliando sua capacidade significativa expressiva. Mas ainda permitia descobrir o sentido da vida intersubjetiva, ainda que sob a forma de recusa. (CHAUÍ, 2002, p. 70).

Sem querer esgotar as questões em torno desta discussão, pressupomos que a relação entre arte e filosofia e o patológico na “loucura” é uma questão que ainda requer atenção e cuidados apesar de estarmos no século XXI. Para Bock (1999), a doença mental sob o enfoque psicológico deve ser vista como produto da interação das condições de vida e social, abordando, é claro, a trajetória familiar individual das experiências. Não se pode descartar a experiência pessoal do sujeito no mundo.

Pintor e escritor tateiam em torno de uma intenção de significar que não se guia por um modelo prévio: o pintor escolhe um visível arrancando-o de um fundo invisível; o escritor escolhe um dizível arrancando o de um fundo silencioso. Realizam a operação da origem [...]. Por isso, o primeiro nos ensina o que é ver, o segundo, o que é dizer. Ao fazê-lo, ambos ensinam ao filósofo o que é verdadeiro. (CHAUÍ, 2002, p. 190).

Na base da elaboração ontológica de Merleau-Ponty está percepção, sem a qual não haveria uma ponte sólida entre sujeito que percebe e o mundo dos fenômenos. Esta percepção é originária e interroga o mundo a partir dele mesmo, clama pelo mundo novo, pelo que não pode e nem admite forma de pré-noção dos fenômenos sobre a percepção, todavia “[...] essa expressividade não é uma prerrogativa da obra de Cézanne. Trata-se de um atributo que podemos reconhecer a toda obra verdadeiramente expressiva” (MÜLLER, 2001, p. 235). Ou seja, que não existe representação, mas sim a coisa em si mesma. A percepção originária

que está além do cotidiano, do familiar, de aparência das coisas. Um rompimento com a tradição filosófica, legitimando os fenômenos. Um sujeito que está e faz parte do mundo, porém com um novo olhar sobre o sujeito e sobre o mundo, negando o cogito cartesiano e dando devido valor ao sujeito humano.

A PINTURA E O PATOLÓGICO EM MERLEAU-PONTY

Abordar a obra de arte na filosofia merleau-pontiana exige que, antes de tudo, notemos a especificidade deste. Para Carbone (2001) a obra filosófica de Merleau-Ponty se “modela” sobre a arte, filosofia e arte voltam a se comunicar porque ambas possuem “[...] o mesmo gênero de atenção e de admiração, pela mesma exigência de consciência pela mesma vontade de aprender o sentido do mundo ou da história em estado nascente” (MERLEAU-PONTY, 1971 p.20). Assim, “filosofia e arte se dedicam à interrogação e à expressão do mundo e do ser”, é aí que elas se encontram.

Mas qual é a relação entre a pintura e a filosofia tal qual nosso filósofo a compreende? Para responder esta questão, é preciso abordar três períodos da filosofia merleau-pontiana. Por enquanto, na elaboração deste projeto, faremos transparecer apenas alguns pontos fundamentais desta problemática, já que análises feitas em relação à linguagem e à intersubjetividade devem refletir sobre as da pintura. A pintura, diz Merleau-Ponty (1971), “nos conduz à visão das coisas mesmas”.

Sua Pintura não nega a ciência e não nega a tradição. [...] O que motiva um gesto do pintor não pode residir unicamente na perspectiva ou na geometria, em leis da decomposição das cores ou em qualquer outro conhecimento. Para todos os gestos que pouco a pouco fazem um quadro só há um motivo, a paisagem em sua totalidade e em sua plenitude absoluta – que Cézanne justamente chamava ‘motivo.’ (MERLEAU-PONTY, 1975, p.309).

“A arte não é nem imitação, nem, aliás, uma fabricação segundo os votos do instinto e do bom gosto. É uma operação de expressão” (1975, p.30) Para Merleau-Ponty, é muito importante não esquecer que a abordagem da obra de arte deve estar engajada em uma investigação sobre a expressão criadora. Merleau-Ponty, em seus estudos na perspectiva de ensaios estéticos, buscava refletir sobre o corpo, que entendia como uma obra de arte, com o objetivo de criar possibilidades de deslocamentos em sua teoria. Ele afirmava que “[...] não é ao objeto físico que o corpo pode ser comparado, mas antes à obra de arte” (1975, p. 208).

O pintor ‘emprega seu corpo’, diz Valéry. E, com efeito, não se vê como um espírito pudesse pintar. Emprestando seu corpo ao mundo é que o pintor transforma o mundo em pintura. Para compreender estas transsubstanciações, há que reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é pedaço de espaço, um feixe de funções, mas um entrelaçado de visão e de movimento. (MERLEAU-PONTY, 1975, p.278).

A pintura, obra de arte, não representaria apenas uma ilustração da realidade exterior, ela vai além do campo visível, passando a ter novos símbolos e significados. A obra de arte estaria colocada como campo de possibilidades para a experiência do sensível. Nesse sentido, é possível refletirmos que a “loucura”, a vivência do trágico amplifica o enigma da visibilidade e apresenta elementos significantes para compreender a relação do sujeito com outros sujeitos e com o mundo à sua volta. Afirma o filósofo: “o nosso puro poder de expressar, para além das coisas já ditas ou já vistas” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 53). Ou seja, ele nos convida para irmos além do que vemos ou pensamos, e partirmos para o que sentimos ou experimentamos, e o que realmente amamos. Por isso faz uma crítica à ciência:

A ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las. Fabrica para si modelos internos delas e, operação sobre esses índices ou variáveis as transformações permitidas por sua definição, só de longe em longe se defronta com o mundo atual. Ela é, sempre foi, esse pensamento admiravelmente ativo, engenhoso, desenvolvido, esse *parti pris* de tentar todo ser como ‘objeto geral’, isto é, a um tempo como se ele nada fosse para nós, e, no entanto, se achasse predestinado aos nossos artifícios. (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 275).

Acreditamos que a “loucura” como metáfora encontraria como na arte, na poesia, na música, no cinema a significação para novos sentidos e caminhos para o viver em sociedade. Se a experiência de uma obra de arte produz significações infinitas, também a experiência do vivido, o trágico da “loucura” nos possibilitaria novas formas de compreender o mundo. E quando o artista, pela sua experiência vivida, cria sua obra de arte, ele se entrega por inteiro, na sua consciência, para a celebração e a criação de novos caminhos de modo a sentir e viver a obra de arte. Assim como a pintura não é somente cores e desenhos geométricos na tela, o sujeito em crise, não é somente patologia ou uma doença visível no diagnóstico. Como a arte é o sentido primeiro do motivo do artista, a crise deveria ser o sentido primeiro do motivo da vida, ou seja, outro caminho vivenciado pela crise na tentativa de ressignificar a vida. Mas qual seria então a imagem de um quadro para Merleau-Ponty?

São o interior do exterior e o exterior do interior, que a duplicidade do sentir torna possíveis, e seu os quais nunca se compreenderão à quase presença e visibilidade iminente que constituem todo o problema do imaginário [...] Diremos, então, que há um olhar do interior, um terceiro olho que vê os quadros e mesmo as imagens mentais, como se falou de um terceiro ouvido que capta as mensagens de fora através do rumor que elas suscitam em nós? [...] O olho vê o mundo, e o que falta ao mundo para ser quadro, e o que falta ao quadro para ser ele mesmo, e, na palheta, a cor que o quadro aguarda; e, uma vez feito, vê o quadro que responde a todas essas faltas, e vê os quadros dos outros, as respostas outras a outras faltas. (MERLEAU-PONTY, 1975, p.280).

Na perspectiva de Merleau-Ponty, a aproximação do patológico na “loucura” pressupõe aproximar-se do começo, que vai nos conduzir diante do irrefletido. No caso do patológico na “loucura”, o mundo é da não razão. Trata-se de uma nova forma de sentir a loucura, como fazendo parte de seu mundo e tempo histórico só que inseparáveis de suas vivências. Ou seja, a patologia na “loucura” significa retornar ao mundo vivido, um caminho inédito para analisar e conhecer, sem uma relação entre ciência e vida.

Sabemos que viver é um gesto artístico, só que nem todo mundo é um artista que pinta quadros. Mas, quando postulamos uma possibilidade de ressignificar a expressão do patológico na “loucura” concordamos com Merleau-Ponty que diz que o pintor:

qualquer que seja, pratica uma teoria mágica da visão. Ele tem que admitir que as coisas entram nele ou que, consoante o dilema sarcástico de Malebranche, o espírito sai pelos olhos para ir passear pelas coisas, visto que não cessa de ajustar a elas a sua vidência (nada é mudado se ele não pinta apoiado no motivo: em todo caso, pinta porque viu, porque, ao menos uma vez, o mundo gravou nele as cifras do visível). (MERLEAU-PONTY, 1975, p.281).

O artista estudado por Merleau-Ponty, nesse caso Paul-Cézanne, abrir-nos-ia para a vida e, sob uma dada forma, teríamos uma potência criativa. Não negamos a existência da patologia, mas aceitá-la somente de um ponto de vista mecanicista é ser restrito demais nas outras possibilidades. O patológico existe e deve ser expresso de outra maneira, visto que a doença ou o transtorno mental seria outro modo de ser no mundo.

Se, ao retomarmos o patológico, retomamos o “mundo vivido”, oferecemos a tematização do patológico como um caminho inédito para se analisar e responder à preocupação de Merleau-Ponty em reconciliar a ciência e a vida. Aproximar-se do patológico é aproximar-se do começo. (MANTOVANI, 2009, p. 199).

Entende Merleau-Ponty que a dimensão do patológico é a verdade da experiência perceptiva, que vai além do empirismo e do intelectualismo. O corpo humano com transtorno mental ou patologia não pode ocupar somente um espaço de um corpo determinado pela fisiologia mecanicista. O corpo doente faz do sujeito que vive e sente os sintomas de seu transtorno. Se o corpo do sujeito é o movimento de expressão que projeta as significações no exterior, dando lugar à doença ou à saúde, então, o transtorno mental ou o patológico também vai proporcionar a percepção de ser doente no próprio corpo do sujeito. Mas Merleau-Ponty nos fala da transcendência nas significações existenciais para modificar essa expressão de ser no patológico na “loucura”. “Meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, também pode olhar a si e reconhece no que está vendo então o ‘outro lado’ do seu poder vidente. Ele se vê vidente, toca-se tateante, é visível e

sensível por si mesmo (MERLEAU-PONTY, 1975, p.278).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descortina-se uma nova forma de ver e refletir o transtorno mental e que ultrapassa a dicotomia cartesiana. Essa patologia na “loucura” está além do conceito ou da representação sobre a doença, uma vez que o sujeito humano com seu transtorno não tem necessidade de conceituar para saber que está doente. A doença possui significações que o sujeito sadio e normal não possui. No entanto, ter o transtorno mental é ser vulnerável, porque, nos seus sintomas de delírios e alucinações, sua fala o diferencia dos sujeitos ditos normais. O sujeito doente falante se expõe e interioriza sua própria patologia a esquizofrenia por exemplo. Podemos perceber que a transcendência interiorizante, nesse caso, interioriza o próprio patológico. Essa ruptura, talvez provisória do homem em crise com sua própria história, significa a perda de contado com o mundo e com a sociedade a sua volta. Porém, mesmo sofrendo em seus sintomas, o patológico é uma nova desestrutura.

Segundo Foucault (1975), é nos limites de seu corpo que o doente mantém sua doença. Porque o doente na sua existência reconhece o processo mórbido na sua personalidade, mas também percebe, ao mesmo tempo, no começo da doença, uma nova existência que altera os rumos de sua vida. “Como chegou nossa cultura a dar à doença o sentido do desvio, e ao doente um status que o exclui? E como, apesar disso, nossa sociedade exprime-se nas formas mórbidas nas quais recusa reconhecer-se?” (FOUCAULT, 1975, p. 51).

E, em contrapartida, todo saber assegura o exercício de um poder. Cada vez mais se impõe a necessidade de o poder se tornar competente: vivemos sob o domínio acentuado do perito. A medicalização da sociedade e do sujeito humano, embasada por Foucault pelas estratégias de biopoder, mostra-nos o controle da medicina sobre a vida humana, demandado pelos saberes médicos. Eles tentam controlar os corpos das pessoas em nome de regras de higiene e da normalidade, ou seja, o existir humano não pertence mais ao sujeito de direito, mas ao outro de fora que saberia tudo sobre seu bem-estar físico e emocional, o doutor.

Merleau-Ponty dando ao sujeito humano o que lhe é devido. A sua experiência criativa na pintura ou na “loucura” como experiência de percepção que dá suporte a fenomenologia ontológica. Sendo a percepção uma manifestação original do ser no mundo.

A arte não é uma imitação, nem, por outro lado, uma fabricação seguindo as vozes do instinto e do bom gosto. É uma operação de expressão. Assim, com a palavra nomeia, isto é, apreende em sua natureza e coloca entre nós a título de objeto reconhecível o que aparecia confusamente, [...] a pintura não é uma cópia, Cézanne, segundo suas próprias palavras: ‘escreve enquanto pintor o que ainda

não foi pintado e o torna pintura de todo' (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 310).

REFERÊNCIAS

- BOCK, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BOSS, M. O modo de ser esquizofrênico à luz de uma fenomenologia daseinológica. **Deseinanalyse**, v. 2, p. 5-28, 1977.
- BOEMER, M.R. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. **Rev. Latino-am. enfermagem – Ribeirão Preto** – v. 2 – n. 1 1994, p. 83-94
- CHAUÍ, M. **Experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- MANTOVANI, H. J. Uma fenomenologia do patológico em Merleau-Ponty. **Ver. Filos. Aurora**, Curitiba, p. 193-212, 2009.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Reginaldo di Piero. São Paulo, Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971.
- _____. Textos estéticos: [O olho do espírito e a Dúvida de Cézanne]. In: **Coleção os Pensadores**. Abril Cultural: São Paulo, 1975.
- _____. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **O Visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **A estrutura do comportamento**. MG: Interlivros, 1975.
- MÜLLER, M. J. **Merleau-Ponty**: acerca da expressão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso de álcool 114, 125

Abuso de drogas 113, 114, 125

Ansiedade 38, 40, 44, 45, 51, 52, 53, 54, 73, 78, 79, 108, 111, 125

Aposentadoria 30, 31, 32, 33, 34, 35, 125

Aprendizagem 36, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 55, 61, 62, 125

Arte 65, 66, 67, 68, 70, 83, 99, 100, 125

Assédio moral 24, 25, 26, 27, 28, 29, 125

C

Capital 1, 2, 4, 5, 27, 86, 125

Comportamento 36, 37, 44, 46, 59, 71, 107, 110, 117, 125

Conhecimento 38, 46, 51, 53, 60, 67, 97, 125

Contemporaneidade 28, 30, 34, 125

D

Democracia 10, 14, 15, 22, 23, 101, 105, 120, 125

Depressão 28, 38, 40, 41, 42, 43, 49, 50, 52, 64, 73, 78, 79, 80, 86, 125

Disfunção sexual feminina 73, 79, 125

E

Educação especial 56, 57, 58, 59, 62, 64, 125

Educação inclusiva 40, 48, 49, 51, 57, 58, 59, 62, 125

Envelhecimento 30, 32, 33, 34, 35, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 125

Escola 36, 37, 38, 39, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 81, 113, 122, 123, 125

Espiritualidade 113, 114, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125

F

Família 7, 29, 32, 36, 37, 48, 51, 55, 58, 62, 64, 85, 119, 125

Fenomenologia 70, 71, 125

Filosofia da diferença 6, 8, 125

G

Gestão em saúde 10

H

Humanização 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 108, 112, 125

I

Identidade 31, 32, 33, 34, 62, 73, 88, 93, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 125

Idoso 30, 33, 34, 35, 89, 90, 91, 93, 95, 96, 98, 99, 125

Indisciplina 36, 37, 125

Intervenção psicológica 36, 125

M

Movimentos sociais 101, 102, 103, 104, 105, 126

Mulher 24, 25, 26, 27, 81, 84, 85, 87, 92, 93, 126

O

Organizações 3, 9, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 34, 119, 126

P

Pintura 65, 67, 68, 70, 71, 95, 98, 99, 126

Políticas de saúde 13, 114, 126

Políticas públicas 10, 64, 72, 89, 96, 103, 123, 124, 126

Psicodinâmica do trabalho 30, 31, 34, 35, 126

Psicologia 1, 6, 9, 22, 29, 30, 36, 37, 41, 49, 52, 55, 59, 60, 62, 63, 65, 71, 72, 81, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 124, 126

Psicoterapia 72, 73, 78, 79, 107, 126

Psiquiatria 66, 80, 81, 126

R

Reconhecimento 2, 4, 5, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 42, 62, 102, 126

Religiosidade 113, 114, 119, 120, 121, 123, 126

S

Saúde mental 11, 13, 20, 23, 24, 25, 35, 52, 126

Subjetividade 1, 3, 6, 7, 8, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 82, 93, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 120, 126

Suicídio 38, 41, 42, 43, 49, 50, 52, 126

T

Terapia cognitivo-comportamental 72, 73, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 126

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 44, 48, 49, 50, 51, 55, 61, 63, 65, 73, 74, 83, 84, 85, 87, 90, 91, 95, 96, 97, 99, 111, 119, 126

Transtornos mentais 13, 38, 39, 40, 45, 48, 50, 51, 77, 80, 126

 **Atena**
Editora

2 0 2 0